

**BRITTON, STEINER, BION: UM DIÁLOGO PSICANALÍTICO PARA OS
TEMPOS ATUAIS**

Fernanda Marinho*

* Membro Efetivo com funções didáticas da SBPRJ

BRITTON, STEINER, BION: UM DIÁLOGO PSICANALÍTICO PARA OS TEMPOS ATUAIS

Resumo: A autora estabelece um diálogo dos autores da escola inglesa contemporânea John Steiner e Ronald Britton com W. R. Bion, baseado em alguns conceitos fundamentais de suas obras. É feito um paralelo entre dois diferentes tipos de *organização patológica* descritos por Steiner, a partir das peças *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*, de Sófocles, e o artigo “Sobre Arrogância” de Bion. Do mesmo modo, são relacionados o conceito de *espaço triangular* de Britton e as formulações de Bion sobre os fatores da *reverie* materna e sobre a relação *continente-contido* e o sentimento de solidão como elementos da psicanálise. Considerando as dificuldades atuais para o exercício clínico da psicanálise, mais ostensivas no âmbito da formação psicanalítica, a autora desenvolve uma hipótese que envolve a cultura contemporânea, utilizando os conceitos de Britton e Bion: a cultura atual seria um continente falho no vínculo que, necessariamente, o psicanalista, em seu ser social, com ela estabelece.

Palavras-chave: arrogância; espaço triangular; continente-contido; cultura.

O presente trabalho é fruto de um convite que recebi para lançar um olhar sobre a obra dos psicanalistas da escola inglesa contemporânea Ron Britton e John Steiner, norteado pelas contribuições de W. R. Bion.

A partir daí passei a alvo do olhar da obra de Britton e de Steiner; ficavam à espreita, desafiadoras. Foi quando, em um lance quase simultâneo, senti-me capturada por esse olhar, mas, então, um olhar de flerte, namoro, que já antes me havia alcançado, fertilizando o solo nativo, fundado em minha comunhão com o pensamento de Bion. Refiro-me, especialmente, ao conceito de espaço triangular de Britton. Em Steiner, sua aproximação simétrica a de Bion ao mito de Édipo me acenou com um convite a devolver o olhar expandido, um novo vértice que propicia a correlação, a visão binocular.

Em 1957, no Congresso da IPA, em Paris, Bion apresenta o texto “Sobre Arrogância” (Bion:1957), onde revê o mito de Édipo sob uma nova perspectiva: o crime sexual se torna um elemento periférico, sendo o crime nuclear a arrogância de Édipo em buscar a verdade a qualquer preço. Em 1985, John

Steiner inicia seu artigo “Turning a blind eye: the cover up for Oedipus”¹ – em tradução livre: “Fingindo que não vê: uma máscara para Édipo” - (Steiner, 1985), com a seguinte citação: “Meu caro, sinto muito dizer isso, mas ninguém compreendeu antes que ‘Édipo’ não é sobre a revelação da verdade, mas sobre o mascaramento da verdade (Pilikian,1974)”. Vértices opostos de aproximação do mesmo objeto, o que mais uma vez expõe a genialidade de Sófocles ao desenvolver uma narrativa que abre possibilidades caleidoscópicas de leitura.

Em seu texto “The Grid” (Bion, 1977), Bion discute a limitação que a interpretação impõe, em contraste com a *construção*; estas, diz ele, são instrumentos essenciais de demonstração de simetria; a interpretação é monovalente, enquanto a construção, feita de elementos oníricos (categoria C da grade) é polivalente e muito mais ágil na apreensão de material inconsciente primitivo.

Steiner, no referido artigo, baseado na interpretação não ortodoxa de Philip Vellacott - um estudioso classicista, conhecido por suas traduções de Ésquilo e Eurípedes - desenvolve a idéia de que, desde o início, por ocasião de seu casamento, Édipo sabia de sua verdadeira relação com Laio e Jocasta, tendo, no entanto, *voltado um olho cego* para esse conhecimento. Defende ainda que na peça, que acompanha minuciosamente, há suficiente evidência de que não só Tirésias, mas, também, Creonte e mesmo Jocasta sabiam, ou, pelo menos, desconfiavam, de que fora Édipo quem matara Laio e talvez, também, de que era ele filho de Jocasta, prestes a casar com sua mãe. Assim, cada um dos participantes do drama, por suas próprias razões, volta um olho cego para a verdade e sobre ela estende uma capa encobridora que perdura por dezessete anos, até que a praga denunciadora se alastre sobre Tebas.

O mecanismo que Steiner descreve se caracteriza pelo cegar-se parcialmente para a realidade psíquica e/ou externa, permitindo que algo seja

¹ Esta expressão – *turning a blind eye* - data do momento em que, durante a campanha do Báltico de 1801, Lord Nelson se recusou a obedecer o sinal de retirada dado por Sir Hyde Park, no meio da batalha. Ele pôs o telescópio em seu olho cego e declarou que não podia ver a ordem de retirada (Hannay, 1911, p. 357).

simultaneamente conhecido e não conhecido: Édipo sabia e não sabia, assim como os personagens de seu entorno, que entram em conluio inconsciente, de forma perversa, para evadir-se da verdade. Seria uma forma de defesa relacionada às perversões - reconhecemos aí o trabalho de Freud sobre o fetichismo, onde mostra como duas correntes de pensamento opostas podem coexistir – podendo levar a distorções e representações enganosas da realidade, caracterizando um tipo particular de organização patológica, que se mantém por meios perversos. Esta organização pode funcionar primariamente como uma defesa contra a dor psíquica de sentimentos depressivos e, em particular, contra a experiência de culpa. O destino de Édipo – a cegueira e o exílio, quando ele tenta se despir da máscara e aceitar a realidade psíquica e a culpa conseqüente, alerta para os perigos do trabalho analítico nessa área.

Os perigos do trabalho analítico, ou melhor, do próprio método psicanalítico, são fator inerente aos fenômenos observados por Bion na análise de pacientes em que são ativos mecanismos psicóticos a serem desvendados. Estes se anunciam pela ocorrência no material de alusões esparsas, sem correlação mútua, à curiosidade, arrogância e estupidez, dispersão esta que é indício de que um desastre psicológico ocorreu; tema desenvolvido por Bion em seu artigo, acima referido, “Sobre Arrogância”. Assim define o termo: “É possível ter uma indicação do significado que desejo conferir ao termo ‘arrogância’, se recorrermos à hipótese de que, na personalidade em que predominam os instintos de vida, o orgulho se converte em respeito a si mesmo; predominando os instintos de morte, o orgulho se transforma em arrogância” (Bion, 1994, p. 101).

A história que se insinua em meio às ruínas psíquicas reúnem os seguintes elementos do mito: a esfinge que propõe o enigma e se desfaz quando este é decifrado; o profeta cego Tirésias que insiste em demover Édipo de sua busca pela verdade; o oráculo que instiga esta busca; e, concluída a busca, o exílio e a cegueira do rei; elementos esses que se encontram no próprio método psicanalítico: a curiosidade como fator intrínseco à investigação psicanalítica e o objetivo implícito da psicanálise de buscar a verdade a qualquer preço.

Bion alude aos ataques desferidos pelo paciente ao ego para evitar o contato com a realidade odiosa ligada ao crime sexual: o reconhecimento dos pais como um casal sexuado e fecundo e os sentimentos decorrentes de ciúme e inveja que levam a impulsos assassinos e incestuosos. Mas há outra vertente insuportável da realidade que está associada à capacidade do analista de, no exercício da curiosidade, em sua busca pela verdade, ousar abrigar aspectos ejetados da personalidade do paciente, sejam eles quais forem, mantendo, ainda assim, o equilíbrio e a capacidade de pensar. Na personalidade em que predomina o instinto de morte, esta atitude se transmuda em arrogância.

O desastre ocorrido diz respeito à rejeição, pelo objeto, da identificação projetiva como meio de comunicação e, portanto, à destruição de um importante elo de ligação, instalando-se um superego primitivo que coíbe o uso da identificação projetiva. Na relação analítica, o analista (ou o paciente com ele identificado), ao usar a comunicação verbal, é sentido como um objeto obstrutor que, através de várias modalidades de estupidez, desfere ataques destrutivos e despedaçadores a essa forma primitiva de comunicação, precursora mesmo da comunicação verbal, impedindo qualquer contato criativo do par.

Já Steiner, é em *Édipo em Colono* que vai surpreender e fazer-nos defrontar com a arrogância de Édipo que, como em Bion, traduz a ocorrência de um desastre psíquico associado à relação do indivíduo com os objetos primários. Em 1990, publica seu artigo: “A retirada da verdade para a onipotência em *Édipo em Colono* de Sófocles” (Steiner,1990), onde enfatiza a atitude arrogante do rei, não em sua busca pela verdade, mas, ao contrário, ao atacá-la violentamente, primeiro ao cegar-se, destruindo assim o órgão de percepção da realidade e, em seguida, ao proclamar-se vítima inocente do destino, negando qualquer responsabilidade e culpa por seus terríveis feitos e elevando-se à estatura de um deus. Contrasta, então, este método de evadir-se da realidade com aquele descrito anteriormente, considerando neste a existência de uma organização patológica de nível psicótico primitivo, como forma de evasão de uma culpa irreparável.

Pondo este texto de Steiner em diálogo com o artigo de Bion, poderíamos dizer que este nos dá a chave para uma interpretação diversa, em que consideraríamos não a arrogância, mas a impotência e revolta de Édipo frente ao destino imposto pelas divindades, estas identificadas com o superego cruel que se instala quando falha a *reverie* – a capacidade do objeto de receber, abrigar e transformar quaisquer que sejam as projeções do indivíduo - impondo-lhe a avassaladora culpa primitiva inescapável, expressão do desastre psicológico ocorrido.

Confrontando Steiner e Bion, eu diria que o primeiro explora o mito, tanto em *Édipo Rei*, como em *Édipo em Colono*, sob o prisma da dor decorrente do defrontar-se com a culpa pelos ataques desferidos em fantasia aos objetos primários e as vicissitudes associadas à possibilidade de experimentar culpa e reparação. Para Bion, a rigor, o mito oferece uma configuração da estrutura mental do indivíduo, sujeita a vicissitudes que se associam não só à possibilidade de reparação, mas à possibilidade de crescimento infinito, configurando um universo psíquico em expansão.

Voltando-me agora para Britton: há algum tempo, na abertura de um simpósio em uma instituição de ensino de psicanálise, participei de uma mesa redonda sobre as vicissitudes da Formação Psicanalítica. Foi quando a noção de espaço triangular de Britton emergiu, como em sonho, atraindo-me para o estudo de seu texto e levando-me a formular uma hipótese sobre as dificuldades que vínhamos encontrando no exercício da prática clínica da psicanálise, mais ostensivas no âmbito da Formação, mas, também, presentes entre analistas os mais experientes. Assim terminava o texto à época: “Só mais uma palavra, mas nem por isso menos importante. Tudo que disse acima não se restringe ao âmbito dos alunos, psicanalistas em formação. Todos nós analistas estamos sujeitos às mesmas vicissitudes, de forma não tão ostensiva, mas, justamente, por isso, mais perigosa. Não nos esquivemos ao perigo e ao desafio de enfrentá-lo”. Hoje, tomo a ressalva pelo principal objeto do texto; assim, sempre que me refiro a analistas em formação, a rigor, considero todos nós psicanalistas.

Fora, então, realística e desagradavelmente surpreendida pela proposta dos candidatos para tema do próximo Pré-Congresso Didático promovido pela FEBRAPSI: “A ausência do sentimento de pertinência aos Institutos e à psicanálise”. Pareceu-me, então, ser este o núcleo central das vicissitudes da transmissão da psicanálise e, portanto, da formação do psicanalista hoje.

Há algo inalienável na condição humana que é seu instinto gregário, de animal de rebanho, irreconciliável com o seu ser só, indivíduo livre e responsável. Esta solidão, para Bion, é um dos elementos da psicanálise; a atmosfera de abstinência e privação recomendadas para o desenvolvimento do processo analítico é, assim, vista como o senso de isolamento que, em momento algum, analista ou analisando podem perder na intimidade de sua relação.

Este senso de isolamento é, a meu ver, fator inerente a todas as relações criativas e, penso ser função do que Britton conceituou como *espaço triangular*. Tomarei a formação sob esse aspecto, o vir a formar-se, algo novo toma forma, jamais definitiva, cristalizada, mas em constante desenvolvimento. Neste sentido, quais seriam os fatores facilitadores ou obstrutivos no curso deste desenvolvimento?

O pensar tem como pressuposto básico o elo emocional, portanto, só se dá no seio – e desejo aqui manter a penumbra de associações - de uma relação. As relações dos analistas em formação são múltiplas: com seu analista pessoal, seus professores, supervisores, colegas, com a instituição e, enfático, com a *cultura*. Há uma constante interação entre elas, com influências mútuas.

Vou desenvolver uma hipótese para lidar com o problema relativo à transmissão da psicanálise e à prática clínica, que procurei definir acima. Para isto vou recorrer ao conceito de Ron Britton de *espaço triangular*, a idéias desenvolvidas por Robert Capier em seu artigo “A mind of one’s own” (Capier,

1997) e a algumas formulações de Bion sobre os tipos de vínculo da relação continente-contido e o sentimento de solidão como elemento da psicanálise.

Britton, em seu artigo “Subjetividade, objetividade e espaço triangular” (Britton: 2003) descreve o triângulo edípico como proporcionando à criança dois elos que a ligam separadamente a cada um dos progenitores e confrontando-a com um terceiro elo entre os pais que a exclui. No desenvolvimento favorável, este elo é tolerado na psique infantil e fornecerá o protótipo de uma relação de objeto de um terceiro tipo, na qual ela é testemunha e não participante. Cria-se uma terceira posição, ponto de observação para relações de objeto; relações estas de que podemos ser parte, mantendo, então, simultaneamente, o papel de observador e observado. Britton nomeou *espaço triangular* a liberdade mental proporcionada por esse processo. Diz ser esta uma capacidade que esperamos manter em nós analistas e encontrar em nossos pacientes.

Do fracasso da capacidade de manter este espaço triangular resulta uma intolerância a qualquer aspecto que se insinue como um terceiro objeto e, dentre estes, na situação analítica, está o modo objetivo do analista de pensar as vivências do paciente. A aproximação da compreensão empática da experiência subjetiva do paciente (modo subjetivo) da visão objetiva, distanciada, do vértice do analista (modo objetivo) é sentida como causadora de catástrofe. É insuportável para o paciente a idéia de que o analista esteja refletindo consigo mesmo sobre ele; e a comunhão mental do analista com idéias provindas de fontes alheias a ele, sejam estas fontes colegas ou mesmo a teoria psicanalítica, é vivida como catastrófica.

Penso que podemos discernir aí a dificuldade de aliança ou comunhão do analista em formação com o grupo institucional e com a própria psicanálise enunciada, como acima referido, no tema proposto pelos candidatos para o Pré-Congresso.

Britton atribui as dificuldades que resultam na intolerância ao terceiro objeto à falha na *reverie* materna, em sua capacidade de funcionar como

continente adequado para as projeções do bebê, que passa a perceber a reintrojeção destituída de significado, *o terror sem nome*, como a presença intrusiva de um objeto hostil e persecutório, promotor da não compreensão. Defende-se o bebê desta vivência, atribuindo, no triângulo edípico, o papel hostil, mal-entendedor, à figura paterna e preservando, assim, a aliança benigna com a mãe. Qualquer aproximação da parilha passa, então, a constituir uma ameaça de catástrofe, a união da mãe compreensiva com o pai não compreensivo leva ao sentimento de perda de sentido, em conseqüência, de perda de sua realidade psíquica. Seria importante lembrar aqui que dois dos fatores da função *reverie materna* propostos por Bion são o amor pela criança e o *amor pelo pai da criança*, criando-se assim o que mais tarde seria conceituado por Britton como *espaço triangular*.

Robert Caper, em seu trabalho “A mind of one’s own”, se reporta a esta formulação de Bion; discute, em consonância com Britton, o efeito das identificações projetivas do paciente no analista. Na intimidade da relação analítica, o analista tende a identificar-se com estas projeções – a compreensão empática, subjetiva, referida por Britton - levando-o ao estabelecimento de uma relação com seu paciente complementar à relação narcisista de objeto que este procura manter com ele. A capacidade do analista de diferenciar-se do objeto de fantasia do paciente e, assim, desprender-se não só das projeções, mas de seus aspectos vulneráveis a estas projeções, permite a passagem à posição objetiva de observador proposta por Britton.

Na situação analítica, Caper equaciona o amor da mãe pelo pai da criança – o terceiro objeto, o interdito entre mãe e bebê, o que impede o elo narcisista propiciador da indiferenciação fusional e obstrutivo do desenvolvimento - ao amor à psicanálise como bom objeto internalizado, o que permitiria a des-identificação do analista das projeções do paciente, a distinção destas de suas relações com seus próprios objetos internos, habilmente manipuladas pelo paciente e, em conseqüência, a possibilidade de tratá-las como objeto de conhecimento e interpretá-las. As interpretações propiciam uma percepção de separação entre paciente e analista e uma percepção de vínculos entre analista e seus objetos internos, e entre paciente e seus objetos

internos que excluem um ou outro – paciente ou analista – formando-se assim o *espaço triangular* descrito por Britton, com o conseqüente sentido de liberdade, independência e própria responsabilidade.

Mas qual seria o correlato da falha da *reverie* materna que resulta na intolerância ao terceiro objeto? Qual seria o objeto que falha em sua capacidade de continência quando observamos sob esse ângulo o que ocorre em nossos Institutos-Consultórios? A minha hipótese é de que falha a *cultura* em sua função de continente. Em todas as descrições da sociedade atual são ressaltados os fatores que se opõem à prática clínica psicanalítica; não vou aqui discorrer sobre eles, apenas uma frase deixo registrada, é do artista plástico Luis Áquila: “A sociedade atual não se interessa por processos, mas sim por produtos”, e psicanálise, assim como arte, é fundamentalmente processo – de investigação, de desenvolvimento - os produtos são subsidiários. Os tempos, então, nos são adversos.

O Instituto, a teoria psicanalítica ou a própria psicanálise são vividas como o terceiro objeto intruso, aquele que ameaça a aliança benigna paciente – mãe/cultura. Assim, ou o psicanalista se submete àquele e sente aniquilada a sua realidade psíquica – o seu sentimento de pertinência à instituição psicanalítica e à psicanálise - ou se arrisca a defrontar-se com o temor do paciente de ter a sua realidade psíquica destruída.

Seguindo mais uma vez Britton: a dificuldade apresentada na análise nessa situação é o próprio método psicanalítico que é sentido como uma ameaça: sua estrutura, seu método, suas fronteiras. “O corolário disso nos analistas é um sentimento de não terem estabelecido adequadamente um *setting* analítico” (Britton, 2003: 77). Descrevendo um caso supervisionado menciona: “... ele (analista) sentia que não tinha nenhuma condição de pensar livremente nas sessões e acabava simplesmente seguindo o que ela dizia, fazendo comentários a respeito, sem acrescentar grande coisa das suas próprias idéias”. Mais adiante: “Enquanto o analista está trabalhando empaticamente com a paciente e validando sua experiência subjetiva de uma maneira que ela acha útil, o analista se descobre como a mãe que não existe

de verdade por si própria. A paciente se sente muito confiante com respeito a essa função e com relação ao analista como essa figura receptiva, mas o analista teme ter perdido a sua identidade analítica. Se, contudo, o analista for assertivo e produzir interpretações de caráter objetivo, ela se sentirá perseguida e, aí, ou se submeterá masoquicamente ou explodirá” (Britton, 2003: 77-78).

Situações como essa evocam ansiedades existenciais no analista que sente como inconciliáveis sua identificação empática com o paciente e sua visão clínica e interpretação da experiência emocional. O uso de experiências ou idéias gerais pelo analista fica obliterado pelo sentimento de intromissão na singularidade do encontro ou particularidade psicológica do paciente. Ele se sente, portanto, apartado das teorias que o ligam a seus colegas, professores, supervisores, e que lhe dão identidade profissional.

A minha sugestão é pensar o triângulo formado pelo paciente/analista – cultura - Instituto/psicanálise. A cultura, que como atual continente falho para as projeções de ansiedades e expectativas ligadas à prática clínica psicanalítica, estimula a organização defensiva que impede a alteridade do analista, a sua relação autônoma, independente, o seu senso de comunhão com o Instituto de Formação, com a teoria psicanalítica ou com a própria psicanálise. Rompe-se o vínculo continente-contido comensal, na visão de Bion, aquele em que dois objetos compartilham um terceiro para benefício dos três; no caso, paciente/analista – psicanálise - cultura. Mantém-se o vínculo simbiótico, em que um depende do outro para vantagem mútua: paciente/analista – cultura, ocupando a psicanálise o lugar de terceiro excluído. O terceiro tipo de vínculo Bion denomina parasítico, sendo característico do relacionamento em que um depende do outro para produzir um terceiro, que destrói os três.

Guardando as diferenças, podemos ver o solo comum ao conceito de *espaço triangular* proposto por Britton e a descrição de Bion do necessário isolamento essencial. Este nos diz: “No objeto de exame, o senso de solidão parece estar relacionado a um sentimento de estar sendo abandonado; no

objeto examinador, de que ele está se apartando da fonte ou da base da qual sua existência depende. Resumindo: só se consegue distanciamento à custa de dolorosos sentimentos de solidão e abandono”. Mais adiante: “O objeto de exame, aparentemente abandonado, é a mente primitiva e a capacidade social primitiva do indivíduo como um animal político ou grupal” (Bion, 2004: 30-31).

Freud precisou isolar-se do grupo para desenvolver com liberdade as suas idéias revolucionárias, afastou-se para um “*splendid isolation*” (Freud, 1971: 22). O mesmo fez Bion. Mas Freud também precisou reunir-se a seus pares, ter deles o reconhecimento, assegurar a transmissão de suas descobertas e a fidelidade aos princípios básicos da psicanálise. A sociedade, como expressão da cultura, já exerceu a sua função de estimular a separação deus – ser humano comum no sub-grupo instituição psicanalítica; estamos, paulatinamente, saindo de nossa torre de marfim. Esperamos que estimule o surgimento do gênio, da idéia nova, revitalizando a psicanálise em uma relação comensal, evitando a destruição própria do vínculo parasítico.

Pode-se pensar que de tal modo a psicanálise está entranhada na cultura, que admitir a sua morte não é mais que profecia de imprudente agoureiro. Mas, sem a fertilização constante que só advém da prática clínica e, portanto, sem a formação de novos psicanalistas, o seu epitáfio seria, parafraseando Bion: “Repleta de honrarias ela afundou sem deixar vestígio” (Bion, 1973).

Britton, Steiner, Bion: un diálogo psicoanalítico para los tiempos actuales

Resumen: La autora establece un diálogo de los autores de la escuela inglesa contemporánea John Steiner y Ron Britton con W. R. Bion, basado en algunos conceptos fundamentales de sus obras. Se hace un paralelismo entre dos tipos diversos de *organización patológica* descritos por Steiner, a partir de las obras *Edipo Rey* y *Edipo en Colono* de Sófocles, y el artículo “Sobre Arrogância” de Bion. De igual manera, se relacionan el concepto de *espacio triangular* de Britton y las formulaciones de Bion sobre los factores de la *reverie* materna y sobre la relación *continente-contenido* y el sentimiento de soledad como elementos del psicoanálisis. Considerando las dificultades actuales para el ejercicio clínico del psicoanálisis, más ostensivas en el ámbito de la formación psicoanalítica, la autora desarrolla una hipótesis que involucra la cultura contemporánea, utilizando los conceptos de Britton y Bion: la cultura actual sería un *continente*

fallido en el vínculo que el psicoanalista, necesariamente, en su ser social, con ella establece.

Palabras clave: arrogancia; espacio triangular; continente-contenido; cultura.

Britton, Steiner, Bion: a psychoanalytical dialogue for present times

Abstract: The author presents a dialogue of the contemporary English school's authors John Steiner and Ronald Britton with W. R. Bion, according to some fundamental concepts taken from their works. A comparison is traced between two different types of *pathological organization* described by Steiner, based on Sophocle's plays *Oedipus the King* and *Oedipus at Colonus* and the paper "On Arrogance" by Bion. Britton's concept of *triangular space* and Bion's formulations on the factors of mother *reverie* and the relation *container-contained*, as well as the sense of loneliness as elements of psychoanalysis, are similarly related. Taking in account the current difficulties in the practice of psychoanalysis, which are specially outstanding in the field of psychoanalytical training, the author develops a hypothesis involving the contemporary culture, based on Britton's and Bion's concepts. According to the author, present culture would be a failed *containert* for the link the psychoanalyst necessarily, as a social being, establishes with it.

Keywords: arrogance; triangular space; container-contained; culture.

Referências

Bion, W. (1973). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

Bion, W. R. (1977). The Grid. In *Two Papers: The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.

Bion, W. R. (1984). *Learning from Experience*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962).

Bion, W. R. (1994). Sobre Arrogância. In W. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

Bion, W. R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (trabalho original publicado em 1963).

Britton, R. (2003). Subjetividade, objetividade e espaço triangular. In *Crença e Imaginação - Explorações em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1998).

Caper, R. (1997). A mind of one's own. *International Review of Psychoanalysis*, 78, 265-278.

Freud, S. (1971). On the History of the Psycho-Analytic Movement. In S. Freud, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Vol. XIV. London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1914).

Steiner, J. (1985). Turning a blind eye: the cover up for Oedipus. *International Review of Psychoanalysis*, 12, 161-172.

Steiner, J. (1990). The retreat from truth to omnipotence in Sophocles' *Oedipus at Colonus*. *International Review of Psychoanalysis*, 17, 227-237.